

RESENHA DO FILME FELIZ NATAL

Juliana Caulo e Leandro Ortolan



“Que as armas possam cair em silêncio, ao menos na noite em que os anjos cantam.”

Bento XV

Introdução

Feliz Natal é um filme franco, germano, britânico, belga e romeno de 2005, roteirizado e dirigido por Christian Carion, que retrata a trégua de Natal da Primeira Guerra Mundial através da visão de soldados franceses, escoceses e alemães. Estrelado por Diane Kruger, Benno Fürman e Guillaume Canet, e com trilha sonora de Phillipe Rombi, o filme foi nomeado para Melhor Filme Estrangeiro no 78º Academy Awards.

Contexto Histórico

Em dezembro de 1914, as tropas alemãs e francesas enfrentaram as alemãs em uma linha de frente contínua, desde o Mar do Norte até a Suíça. O exército alemão havia passado pela Bélgica e invadido a França, chegando até perto de Paris. Depois da batalha do Marne, franceses e ingleses conseguiram afastar o exército alemão até o vale do rio Aisne. Na batalha seguinte, nenhum dos exércitos foi capaz de ganhar terreno, e mantiveram-se em um impasse: Ambos não tinham vontade de atacar, mas não estavam dispostos a recuar, então cavaram trincheiras e construíram fortificações.

A aproximação do Natal fez com que algumas tentativas de estabelecer um cessar-fogo fossem feitas de ambos os lados, mas os pedidos foram recusados pelas autoridades.

Mesmo assim, na véspera de Natal, na cidade de Ypres na Bélgica, ingleses observaram os alemães decorando as árvores próximas às trincheiras com velas, e os ouviram cantar “Silent Nacht” (“Silent Night” ou “Noite Feliz”), e responderam cantando suas próprias canções natalinas. As duas tropas trocaram cumprimentos, e pouco tempo depois, começaram a atravessar a Terra de Ninguém para recuperar e enterrar os mortos. A rivalidade foi posta de lado, e os soldados trocaram tabaco, álcool, botões e chapéus como presentes. Em alguns pontos, a trégua durou até o ano novo.

Resenha

O filme “Feliz Natal” (2006) retrata a Guerra de uma forma muito diferente dos demais que usam esse tópico como mote para seu enredo. O longa de estreia de Christian Carion se compromete a mostrar algo além de batalhas sangren-

tas e busca olhar além do lado certo ou errado. Para guiar essa proposta acompanhamos a Primeira Guerra Mundial - desde sua eclosão - a partir da vida de vários personagens. Contrariando o que se espera de um filme sobre um conflito bélico, não somos apresentados a mocinhos ou a vilões. Somos apresentados a homens comuns que enfrentam o choque ou o entusiasmo de uma guerra. O sucesso da execução está alocado no fato de que o filme não mostra apenas um lado ou outro, mas coloca, em um mesmo enredo, e não apenas em um mesmo cenário, os vários lados beligerantes. Escoceses, Alemães e Franceses, compartilham o protagonismo do filme. No decorrer da trama, acompanhamos o sofrimento do jovem Jonathan (Steven Robertson), que acaba perdendo o irmão em meio aos ataques e à tentativa de confortar a mãe. Também compartilhamos a saudade que o Tenente francês Audebert (Guillaume Canet) sente de sua família. E compreendemos a preocupação e a dureza do oficial alemão Horstmayer (Daniel Bruhl), encarregado de cuidar dos homens nas trincheiras. Os fatos, envolvendo ambos os lados, vão se desenrolando até resultarem na noite de Natal. Os soldados acordam uma trégua em comemoração ao Natal e a humanidade transborda no filme. A sequência de cenas mostra os homens que horas antes se hostilizavam, mas que, embalados por um espírito de compaixão, começam a compartilhar bebidas e histórias. O ponto mais marcante é o fato de que não era necessário muito para se entendessem, embora não conhecessem nem mesmo a língua uns dos outros. A identificação entre os soldados vinha da experiência comum que eles compartilhavam, da situação a qual eles estavam subordinados. O roteiro é cheio de diálogos cotidianos que tornam a guerra apenas um plano de fundo para o verdadeiro conflito que o filme propõe: “A quem interessa a Guerra?” “A Guerra é realmente de quem?” Esses questionamentos ficam claros na emblemática cena em que o alemão Horstmayer, em um diálogo, reconhece a rua em que o oficial francês, Audebert, morava antes da guerra. Os dois acabam por marcar um encontro “

após o fim da guerra”, abrindo espaço para que possamos deduzir que a guerra realmente não é o cotidiano. Tecnicamente, o filme é muito bem executado. As sequências não apresentam falhas e o roteiro, apesar de açucarado, é muito bem conduzido sob o toque de Carion. A bela cena da canção natalina enche o espectador de emoção e comove até mesmo aqueles que não se deixam levar facilmente por dramas. Os personagens nos conquistam e as atuações soam naturais e harmônicas. É dispensável negatar o fato de que a guerra nas trincheiras foi retratada com mais ação de batalha do que o que realmente acontecia. Feliz Natal, no original Joyeux Noël, é um filme tão único e tocante que pode ser colocado ao lado de clássicos como A Grande Ilusão, de Renoir, e Glória Feita de Sangue, do saudoso Stanley Kubrick. A humanidade que o filme passa e o foco para além do front são os pontos mais destacáveis dessa linda história, que não é exatamente sobre a guerra, mas sim sobre quem realmente é afetado por ela.

Considerações Finais

A Primeira Guerra Mundial completa cem anos em 2014. Esse conflito foi um dos mais importantes da História. Seus impactos se expandiram para as diversas áreas da sociedade; a economia e a política foram afetadas por décadas e até hoje seus desdobramentos são motivos de estudos. São inúmeras as obras artísticas e acadêmicas que retratam esse período com o intuito de abrir espaço às discussões sobre o tema. Essa sessão escolhe o filme “Feliz Natal” não só para prestar a devida homenagem aos homens que participaram da guerra, mas também para abrir espaço às novas visões sobre esse e outros conflitos bélicos. A batalha se mostra apenas como mais uma variante dentro da equação da guerra. É preciso entender aqueles que dela participam diretamente e olhar para eles não apenas como máquinas de guerra, mas como homens comuns que muitas vezes têm suas vidas interrompidas, como o que foi retratado aqui. Esse filme está especialmente preocupado em ex-

plicar os homens, antes dos soldados, e o faz de forma única, não os separando na dicotomia habitual, mas explorando todos os lados. Apesar de diferente, esse feito não é de todo novo. O diretor Jean Renoir também se comprometeu com essa abordagem diferenciada da guerra no longa “A Grande Ilusão”. Dessa forma, os dois filmes contribuem para incentivar novas visões e questionamentos sutis sobre conceitos como nacionalidade, heroísmo e solidariedade.